

Introdução

Esta monografia é fruto do exame do tratamento filosófico dado a *Eros*, deus do desejo e, também, do Amor, no “discurso” de Sócrates em *O Banquete*¹, de Platão. O estudo sobre *Eros* teve início com a nossa participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UERJ), em 2015, onde tivemos um contato mais íntimo com a obra do filósofo, bem como com os textos complementares ao diálogo. Um deles marcou nossas reflexões e o nosso modo de conceber o *Eros* de Platão: *Un, deux, trois... Eros*², de Jean-Pierre Vernant (1989). Esse texto foi fundamental e norteador para a composição do presente trabalho, pois nos apresentou, em uma só expressão (ou *fórmula*), o que a nosso ver pode servir como uma chave de compreensão acerca do papel que *Eros* cumpre na filosofia platônica, a partir de *O Banquete*. Segundo o autor, *Eros*, sob o ponto de vista platônico, pode ser expresso na *fórmula*³: “1+1=3” (VERNANT, 1989, p. 164).

Vernant, de acordo com a interpretação de Jean Rudhardt (1922-2003)⁴, apresenta as funções de *Eros*, na *Teogonia*⁵ de Hesíodo, como ponto de partida às suas reflexões em torno da divindade. *Eros*, o deus do desejo, possui duas formas em momentos distintos na mitologia hesiódica: no primeiro momento, *Eros* apresenta-se como uma força interior capaz de gerar e fazer aparecer seres individualizados contidos na unidade geradora, *Gaia*, terra. *Eros* revela-se como uma força superabundante, pondo em fomento um processo cosmogônico, fazendo surgir unidades diversas, onde tudo era uma só coisa, confusa e caótica. Esse é o *Eros* primordial, cumprindo sua função geradora de unidades individualizadas, conferindo limites e diferenciações, em um

¹ Utilizamos a tradução de Carlos Alberto Nunes como referência para este trabalho. Cf. PLATÃO. **O Banquete**. Trad. Carlos Alberto Nunes. 3ª ed.. Belém: Universidade Federal do Pará, 2011.

² Este artigo é a síntese de uma comunicação oral apresentada por Vernant em um colóquio organizado pela Universidade de Princeton em 1986. O texto compõe a coletânea do evento que foi publicada em 1990, em inglês, mas também possui uma versão em francês publicada no livro *L'individu, la mort, l'amour*, em 1989, onde o autor reúne uma série de textos autorais sobre “o indivíduo, a morte e o amor” na Grécia Antiga. Esse texto também aparece publicado, em francês, na coletânea do *L'Institut des Sciences et Techniques de l'Antiquité*, também em 1988, em homenagem a Pierre Lévêque. Neste trabalho, usamos a versão francesa do texto para citação e ambas para consulta. Cf. VERNANT, Jean-Pierre. One, Two, Three... *Eros*. In: HALPERIN, D. M.; WINKLER, J. J.; ZEITLIN, F. I. (eds). **Before Sexuality: The Construction of Erotic Experience in the Ancient Greek World**. Princeton: Princeton University Press, 1990, p. 465-478. Cf. VERNANT, J.-P. *Un, deux, trois... Eros*. In : _____. **L'individu, la mort et l'amour**. Paris: Gallimard, 1989, p.153-171. (*Collection Folio histoire*)

³ Este termo será usado com frequência, neste trabalho, para fazer menção à *fórmula* erótico-platônica: “1+1=3” elaborada por Vernant. No corpo do texto, para facilitar a leitura, faremos referência à expressão com o termo *fórmula* em itálico.

⁴ RUDHARDT, J. *Le Rôle d'Eros et d'Aphrodite dans Le cosmogonies grecques*, Paris, 1986.

⁵Para este trabalho, utilizamos a tradução de Christian Werner. Cf. HESÍODO. Trad. Christian Werner. **Teogonia**. São Paulo: Hedra, 2013.

tempo que não havia demarcações precisas. Nesse contexto, *Eros* não é falta ou privação, ele é a plenitude que expande e faz aparecer o que havia de confuso em uma unidade.

Em um segundo momento, na *Teogonia*, *Eros* tem seu *status* modificado com a separação de *Gaia* e *Ouranos* e com o nascimento de *Aphrodite*, deusa da beleza e da sedução. *Eros* torna-se assistente da última divindade e passa a ser mediador em meio à multiplicidade de unidades que ele fizera aparecer no momento anterior ao surgimento de *Aphrodite*. O deus do desejo, *Eros*, passa a mediar e unir duas unidades visando à geração de novos elementos no mundo. Cada unidade lançará mão de uma estratégia singular de sedução e de conquista, onde a visão terá um papel fundamental. O encontro amoroso/erótico entre duas unidades tornou-se reflexivo; cada um buscará na relação com o Outro, o que lhe complementa. A incompletude, inerente às unidades, as motiva, as faz desejar o complemento de si na relação com o Outro, seu objeto de desejo. *Eros* produz a mobilização necessária ao que nos completa. “*Eros* é a nostalgia para a nossa unidade perdida” (VERNANT, 1989, p. 161).

Essa incompletude nostálgica pode ser reconhecida no discurso de Aristófanes (189c-193e), n’*O Banquete*, e, segundo o grande helenista francês, pode ser expressa, na fórmula “ $\frac{1}{2} + \frac{1}{2} = 1$ ” (VERNANT, 1989, p.164). Cada “unidade” seria, na verdade, a metade de um inteiro. O (re)encontro de duas metades culminaria em uma unidade, de fato.

O discurso de Aristófanes, anterior ao de Sócrates (199c-212c), apresentou aos convivas a origem e a natureza humanas, assim como o papel de *Eros* nesses aspectos.

Um dia, segundo Aristófanes, o conjunto dos seres humanos fora formado por três sexos: o masculino, o feminino e o andrógino. Seus corpos eram redondos e tinham as partes de seu corpo em dobro, porém com um só pescoço e uma só cabeça. Locomoviam-se rapidamente em círculo, dado a quantidade de membros que possuía para fazê-lo. Devido à força e à coragem humanas, enfrentaram os deuses. Diante de tal atrevimento, Zeus os castiga em função de sua desobediência às divindades.

Zeus determina que cada um seja cortado pela metade. À medida que os cortava, ordenava a Apolo que virasse seus rostos para frente para que os humanos buscassem moderação. Com a cisão, os mortais passaram a ansiar pela metade “perdida”. Aqueles que antes da separação formavam um corpo misto, quando cortados, a parte feminina buscava por sua parte masculina e vice e versa (191e). Os corpos que constituíam apenas um dos sexos buscavam o seu igual. Os corpos produzidos pelo corte de um

andrógino, ao buscarem as suas metades geravam, com sua união, outros corpos. Já aqueles que procuraram outros do mesmo sexo, especialmente os pares masculinos, para Aristófanos, eram os melhores homens, buscando sempre estar próximos ao seu semelhante. Em suma, “a saudade desse todo e o empenho de restabelecê-lo é o que denominamos *Eros*” (193a), a busca por aquilo que foi nosso um dia e que hoje não possuímos mais. Resta-nos apenas procurá-lo e fundir-nos com a nossa metade, se a encontrarmos. A busca pela nossa metade nos conduz à completude. Como nos diz Macedo: “O amor humano é o reflexo antropológico de uma realidade cósmica; [...] *Eros* é a aspiração do retorno ao Todo e ao Uno, ele tende a fazer de dois um só, devolvendo ao homem sua antiga natureza e tornando-o feliz” (MACEDO, 2011, p. 34). Eis, então, o sentido da *fórmula* erótica, expressa por Vernant, com base no relato de Aristófanos, “ $\frac{1}{2} + \frac{1}{2} = 1$ ” (VERNANT, 1989, p.164).

Acreditamos, no entanto, que a breve exposição do discurso de Aristófanos é importante para compreendermos a distinção entre as duas *fórmulas* apontadas por Vernant: a hesiódica, mantida na narrativa de Aristófanos – “ $\frac{1}{2} + \frac{1}{2} = 1$ ” – e a platônica – “ $1+1=3$ ” –, anunciada no “discurso” de Sócrates. O contraste entre essas duas *fórmulas* parece viabilizar um destaque e um melhor entendimento do sentido daquela baseada na fala socrática, tal como interpretada por Vernant. O discurso de Aristófanos, nos leva a pensar que não há unidades em relação, e sim, metades, que, devido o histórico apresentado, desejam reencontrar-se. Desta forma, o que está em relação não são unidades inteiras, e, sim, metades que possuem a finalidade de (re)constituir a “unidade perdida”.

O “discurso” de Sócrates não abandona totalmente as noções apresentadas na fala de Aristófanos, como também as dos outros que o antecederam, mas introduz tanto do ponto de vista da forma, como do conteúdo, outro modo de relação mais específico, fazendo Vernant admitir que, a partir do “discurso” de Sócrates, a *fórmula* erótica socrático-platônica reelabora a *fórmula* anteriormente vigente, passando do modelo da relação complementar para outra espécie de relação que se caracterizaria por ser geradora, efetivamente, de um terceiro elemento, um novo resultado a partir das duas unidades anteriores: “ $1+1=3$ ” (VERNANT, 1989, p. 164).

O ponto de vista de Platão se exprime, ao contrário, em uma *fórmula* do tipo: $1+1=3$, válida nos dois níveis onde *Eros* opera. No plano da vida física, para dois seres, o amor consiste em engendrar um terceiro a partir deles, diferente de cada um deles e que, no entanto, os prolonga. A erótica segundo o corpo visa a produzir, no seio mesmo da existência terrestre passageira e perecível,

um substituto de imortalidade. (VERNANT, 1989, p. 164)⁶.

Diferente de Aristófanes, que acredita que o fim último da relação entre metades seja a recomposição da unidade “perdida”, no “discurso” de Sócrates, o sentido da relação é o de criação do novo, que em última instância, nos leva à condição imortal, divina. É a relação entre unidades que produzirá novas unidades. Se, de acordo com a narrativa de Aristófanes, poderíamos reconhecer também a geração de uma “nova unidade”, quando uma metade masculina se (re)une à sua metade feminina ou vice-versa, aplicando aí a *fórmula* identificada por Vernant, não poderíamos dizer que o que é gerado tem o mesmo alcance de novidade do que o que é gerado segundo a *fórmula* socrática-platônica. No caso, entendemos que poderíamos expressar a geração proveniente do encontro de duas metades, com a seguinte *fórmula*: $\frac{1}{2} + \frac{1}{2} = 1$. O produto assim gerado continuaria a ser uma geração a partir de uma unidade já determinada, o que parece ser diferente da *fórmula* erótico-platônica. Por isso, “ $1+1=3$ ” e não “ $1 + 1=2$ ”. Se “ $1+1=2$ ” não há, propriamente falando, geração de um novo elemento, haverá apenas a mesma dualidade já existente nos fatores da *fórmula*, ou seja, seria como se houvesse apenas, no resultado, o que já existe nos fatores, ou dizendo de outro jeito, seria como uma (re)apresentação do velho. *Eros*, platonicamente falando, é, então, a força responsável pela geração e superação do que já existe. *Eros*, inclusive, é fruto da relação entre dois, mas não é uma mera composição das causas que o produziram. *Eros* é “3”, a superação da relação de onde é originário.

Seguindo ainda a sugestão de Vernant, identificamos também que a *fórmula* “ $1+1=3$ ” serve para exprimir a relação erótica e seus resultados no domínio do sensível e também no do inteligível. Dessa maneira, tanto para fundamentar o amor físico, onde duas unidades (homem e mulher) em relação são capazes de gerar um terceiro elemento, o filho (208e-a); como para nos fazer compreender os resultados do amor filosófico, que ocorre entre dois homens, onde o desejo carnal é “abandonado” em detrimento de um espiritual. Na relação erótica entre dois homens são gerados belos discursos que levam às virtudes necessárias à *pólis*, “coisas que convém à alma conceber e procriar” (209a-b). Em outras palavras, a convivência erótica entre homens leva à geração de filhos mais imortais dos que o de carne, ou seja, os discursos, e, podemos dizer, conhecimento (209c-d).

Tendo em vista, as *fórmulas* apresentadas, observamos que Vernant dá destaque,

⁶ Tradução nossa.

especialmente, à segunda relação: “ $1+1=3$ ”. A escolha do autor do modo como destaca e sintetiza o papel erótico na filosofia de Platão – por meio da elaboração de uma *fórmula* – parece ser coerente e, inclusive, justificar o fato de que o aspecto relacional de *Eros* seja um fator primordial à sua compreensão na filosofia platônica. A *fórmula*, na matemática, por exemplo, parece ter como função representar, simbolicamente, um aspecto qualitativo do tipo de relação que o autor identifica no pensamento de Platão e que, nesse sentido, ultrapassa o sentido matemático corriqueiro, quantitativo, de soma entre elementos. A questão da relação mostrou-se, desse modo, como o primeiro aspecto erótico observado na *fórmula* de Vernant, levando-nos a verificar outros aspectos correspondentes a cada uma das parcelas apresentadas no algoritmo em questão. Foi assim que a *fórmula* “ $1+1=3$ ” apresentou-se, para nós, como uma chave de compreensão em torno do *Eros* do “discurso” de Sócrates, revelando-se, inclusive, como a “espinha dorsal” deste trabalho.

Enquanto uma ‘*fórmula*’, acreditamos que *Eros* pode ser compreendido como um acúmulo sucessivo de potências exploradas tanto pela mitologia grega (nesse caso, sob o caráter de potências cósmicas), quanto pela Filosofia, especialmente a platônica. Na concepção grega de mundo, o impulso pela busca do objeto desejado (movimento), as uniões (relações) entre os diversos seres e a produção (geração) oriunda da busca e das relações construídas estão vinculadas às ações de *Eros*, uma força intrínseca (mediadora e intermediária) ao cosmos que provoca a união e a relação entre seres distintos para gerar novas unidades, culminando na multiplicidade observada no mundo.

O processo geracional, no entanto, possui uma ordem a qual Vernant expôs na *fórmula* que apresentara. Não há “3”, sem a prévia “ $1+1$ ”. Ao verificarmos esse aspecto da *fórmula*, como já sinalizado em parágrafos anteriores, justificamos abaixo o lugar de cada uma das potências eróticas mencionadas e sua relação com cada parcela da *fórmula*.

O nosso histórico de leituras e reflexões em torno da erótica apresentada em *O Banquete* nos permitiu observar que a *fórmula* “ $1+1=3$ ” poderia ser compreendida como uma sucessão de potências, que identificamos vinculadas ao *Eros* de Platão: movimento (1), relação ($1+1$) e geração (3), tornando possível aplicar, desse modo, a *fórmula* de Vernant à compreensão do acúmulo sucessivo das três potências reconhecidas em *Eros*: “movimento + relação = geração”.

Identificamos o movimento como a primeira parcela da *fórmula* “ $1+1=3$ ”, pois *Eros*, sendo por natureza falta, como irá explorar Platão, é inevitavelmente impulso em

direção ao seu objeto de desejo. *Eros* é, assim, potência de *movimento*, e não um movimento qualquer, sem destino, mas *movimento* orientado a um fim determinado. Observamos que o movimento, para ser qualificado de erótico, ocorre, necessariamente, entre duas unidades, porque o movimento (erótico) está em busca de algo do qual precisa, uma vez que não o possui. *Eros* revela-se como um movimento direcionado, pois está às voltas com o seu objeto de desejo e de Amor.

O movimento próprio de *Eros* nos leva, forçosamente, à afirmação da potência erótica de *relação* como a segunda parcela da *fórmula*, evidenciando nela já o acúmulo da primeira (*movimento*) e sendo expressa pela soma: ‘1 *mais* 1’. A relação não somente ocupa a posição da segunda parcela, como, inexoravelmente, ocorre, minimamente, entre dois elementos ou unidades distintas. Com isso, não basta apenas a identificação de um movimento qualquer, para que o qualifiquemos como erótico, é necessário que esse movimento seja relacional entre unidades distintas. É o movimento produzido na relação entre unidades diferentes, que não podem ser reduzidas a uma única unidade, como na *fórmula* do discurso de Aristófanos ou da tradição, que potencializa a geração do novo inerente à relação construída. Identificamos, aqui, a terceira e última parcela da *fórmula*, a potência erótica da *geração*. A finalidade da *fórmula* “1+1=3” está na *geração*, na criação do terceiro elemento que não é o mesmo que os seus antecessores, mas que só é o “novo” por causa da união e da superação de onde é originário. Podemos dizer, dessa maneira, que a potência erótica de *geração* de *Eros* conclui suas duas potências anteriores: a de ser *movimento* e a de ser movimento *relacional*.

O texto de Vernant foi fundamental para este trabalho, pois a *fórmula* apresentada pelo autor revelou o essencial do *Eros* platônico, expresso em uma relação numérica, que nos evidenciou, a nosso ver, o maior e o principal aspecto erótico, sua potência *relacional*. É por ser movimento *relacional* entre as unidades “1+1” que produz o resultado da *fórmula*: “3”.

A posição que a potência relacional de *Eros* ocupa; também não é ao acaso. O caráter intermediário do aspecto relacional, de estabelecer a ligação entre um movimento e se tornar um movimento geracional, ou seja, entre os extremos, movimento (1) – geração(3), esse caráter será verificado também na relação que *Eros* propiciará entre homens-deuses, amado-amante, interlocutor-condutor, discípulo-mestre, corpo-alma, sofista-filósofo, opinião-verdade, múltiplo-uno, devir-ser, irracional-racional (“*epithymia*” à *philia*), sensível-inteligível, cópias imperfeitas-modelo original, a Ideia. A relação entre duas unidades distintas e geradoras de uma

terceira é, essencialmente, a potência própria de *Eros*, o intermédio, a condição que causa o movimento qualificado de um estado inferior a um estado superior. No *Banquete*, *Eros* é sempre *eros* de alguma coisa; está voltado para (ou em busca de) algo; encaminha-se debaixo para cima; o *Eros* platônico vai “sempre do menos perfeito para um estado mais perfeito” (ROBIN, 1964, p. 106, 107).

Este trabalho, diante do panorama apresentado, tem como objetivo analisar, no “discurso” de Sócrates, n’ *O Banquete*, as potências eróticas identificadas com cada parcela da *fórmula* erótica “ $1+1=3$ ”, buscando compreender o possível sentido filosófico relacionado a elas – movimento, relação e geração – e a sua correspondência à *fórmula* de Vernant (1989). Na participação de Sócrates, em *O Banquete*, correspondente desde o diálogo introdutório entre Agatão e Sócrates (199d-201b8) à exposição dos Mistérios do Amor (205b-212b), verificamos três momentos nos quais cada potência de *Eros* esteve mais em evidência do que as demais.

O discurso de Sócrates foi, assim, desmembrando em três partes: 1. O diálogo entre Agatão e Sócrates (199d-201b8); 2. Mito do Nascimento de *Eros* (203b-204a8); e 3. Os Mistérios do Amor (205b-212b). A *fórmula* “ $1+1=3$ ” foi aplicada a cada trecho, na seguinte ordem: I. O movimento foi analisado à luz do mito do nascimento de *Eros* (203a-204a8), passagem onde encontramos a justificativa da nossa afirmação de *Eros*, como potência de movimento, mas também das demais citadas; II. A potência relacional de *Eros* foi explorada no diálogo que antecede o “discurso” socrático (199c-201c), elegendo o diálogo como uma das relações eróticas por excelência; e III. A potência geracional foi analisada com base na exposição dos Mistérios – maiores e menores – do Amor (206c-212a), onde a *fórmula* “ $1+1=3$ ” ganha materialidade no diálogo entre Sócrates e Diotima.

Esperamos que todos os esforços prestados a este trabalho sirvam para e estimular os estudos acerca do *Eros* platônico, sob diversas perspectivas filosóficas, como tentamos fazer nesta monografia.

